



<b>Veículo: O Liberal</b>		
<b>Data:</b> 06/09/2017	<b>Caderno:</b> Atualidades	<b>Página:</b> 08
<b>Assunto:</b> Amazônia		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Neutra

# Lançado ontem, movimento questiona a extinção da Reserva Nacional

Da Redação

Na manhã de ontem, foi lançado o Movimento “Resiste, Amazônia”, na feira do Ver-o-Peso, em Belém. Reunindo representantes de várias entidades, o movimento tem o objetivo central de fazer a sociedade voltar os olhos para a Amazônia, pensando no seu futuro e no seu significado para o Brasil e o mundo. Uma das questões que resultaram na criação do movimento foi a extinção da Reserva Nacional do Cobre e Associados (Renca).

Um dos coordenadores e idealizadores do movimento, o jornalista José Maria Piteira disse que, a partir do decreto do presidente Temer que extinguiu a Renca, houve “uma explosão de manifestações nas redes sociais. Milhares de pessoas começaram a demonstrar seu repúdio ao governo Temer, pelo que ele fez com a Renca”. O natural, disse, é que as entidades de uma forma geral, centrais sindicais, partidos, ONGs tomassem essa iniciativa. “Quando não vi isso acontecer, provoqueei ONGs e sindicatos, para tomar essa iniciativa. E fizemos uma reunião, na qual surgiu a proposta de criar o movimento”. Ainda segundo

Piteira, a primeira mensagem do movimento é que a “Amazônia quer ser ouvida: não quer mais saber de políticas decididas em Brasília sem que se ouça o povo da Amazônia. A segunda mensagem é: qu eremos que as riquezas naturais da Amazônia sejam indutoras do nosso desenvolvimento e não causa de miséria e destruição ambiental”.

A jornalista Sheila Faro, presidente do Sindicato dos Jornalistas no Estado do Pará (Sinjor-PA) e também coordenadora do movimento, destacou a importância dessa iniciativa. “Estamos em um momento crítico, como se estivesse faltando ar. Estamos no último suspiro em defesa da Amazônia. Não tem mais como protelar essa defesa pública, para fora dos muros do Pará”, disse. Ela acrescentou ser crucial que o povo tenha acesso às informações sobre o que está ocorrendo na região.

“Esse movimento foi idealizado pelo jornalista José Maria Piteira, que nos chamou, por entender que o Sinjor, representando a categoria, tem essa missão social de informar e garantir a população esse acesso à informação. Chegar nessa feira, onde

circula e trabalha muita gente, e dizer: ‘você sabe o que está acontecendo na Amazônia e o que pode acontecer no futuro? O que pode acontecer com seus filhos se o rio acaba e se as mangueiras morrerem todas?’”.

Ainda segundo Sheila, essa é “a urgência do movimento. Por isso, foi lançado agora. Outras ações virão, porque queremos continuar nesse processo de informar, de educar, para preservar, para cuidar e resistir. Eu não resisto se não tiver informação sobre o que se trata, sobre o que o presidente (da República) e nossos políticos querem fazer. Eu tenho que ser protagonista na mudança dos rumos dessa história. Eu tenho que começar a escrever uma outra história, e isso começa aqui”.

## DIA DA AMAZÔNIA

A professora Ghis Costa, da Universidade Federal do Pará (UFPA), disse que o movimento reúne diferentes setores, entidades e pessoas que se “interessam e lutam pelo desenvolvimento que nós desejamos para Amazônia. Um desenvolvimento que deixe benefícios para o povo”. Ela observou que o lançamento ocorreu no dia da Amazônia e afirmou que essa data não deve ser apenas “folclórica”. “Mas uma data que revele um amor pela Amazônia. Um mo-



mento de luta e resistência nesse contexto em que tentam expropriar nossas riquezas através de um decreto sem nos escutar, sem pedir a nossa opinião, num retrocesso que remota à época da colonização”, afirmou

Cris Vasconcelos, da ONG Ecoamazon, disse que o povo amazônida precisa ser ouvido antes de se fazer qualquer tipo de decreto que vai ter repercussão na região. “Enquanto não formos ouvidos, como é que vão meter a mão assim em nosso patrimônio?”. Segundo ela, as autoridades precisam “saber o que o povo precisa, como é a nossa cultura. Eles não conhecem. O decreto do governo (o da Renca) foi suspenso, mas não revogado. A gente não pode calar. Precisa pressionar, em busca dos direitos do povo. Aqui não tem partido. Tem a população indo atrás de seu direito”, afirmou.

A vereadora Marinor Brito disse que o movimento objetiva alertar o povo de Belém, do Pará, do Brasil e do mundo sobre os riscos que a nossa Amazônia corre: “Nossa Amazônia está em um balcão de negociação dos interesses do capital. A nossa biodiversidade, nossos recursos hídricos, nossas florestas estão sendo negociados para exploração do capital. Queremos nossa Amazônia preservada, servindo como palco de pesquisa para garantir a qualidade de vida do povo do amazônia, do povo brasileiro”. Marinor acrescentou que o movimento pretende gerar uma “consciência crítica para que nosso povo abrace a Amazônia como seu patrimônio e não permita esse tipo de exploração”.

O advogado José Carlos Lima, que também faz parte da coordenação do movimento e é membro do Conselho Estadual de Meio Ambiente (Coema), disse que não se trata de ser contra o desenvolvimento da Amazônia. “Mas contra este modelo de desenvolvimento, que é predatório. Os grandes empreendimentos vieram para cá para com a promessa de que o povo teria progresso e não teve. Assim como a Renca também não vai ter. O modelo está errado”, afirmou. Ele destacou que o “Resiste, Amazônia” é suprapartidário. “Não tem bandeira de A, B, C. É uma bandeira dos amazônidas. Não é que não possa tocar na Amazônia. Pode tocar na Amazônia, mas de uma maneira que gere felicidade”, afirmou.



O movimento **Resiste, Amazônia** foi lançado no Ver-o-Peso, em Belém